QUINTAIS E JARDINS MEDICINAIS EM GOIÂNIA: ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA E MANUTENÇÃO DE SABERES DO CERRADO NA PAISAGEM URBANA

Gabriel Aires Peixoto de Lima[1]*
[1] Mestre em Projeto e Cidade pela Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO. Arquiteto-urbanista pela UFG, Campus Goiás, Brasil. Artista multidisciplinar.
* E-mail: olaclemente@gmail.com

A urbanização no Cerrado, marcada pela expansão de metrópoles como Goiânia, impõe uma lógica de apagamento da natureza e dos saberes tradicionais. Este trabalho argumenta que, em contraposição a esse processo, os quintais e jardins medicinais emergem no tecido urbano como paisagens de cura contra-hegemônicas, funcionando como focos de resistência, manutenção e transmissão de conhecimentos. O objetivo central é analisar criticamente os quintais como territórios políticos e ecológicos onde se manifesta a resistência cultural. Busca-se demonstrar que estes são mais do que áreas de cultivo, são espaços de memória, prática e sociabilidade que disputam a narrativa urbana ao insistirem na continuidade de uma relação intrínseca entre o ser humano e a natureza. A pesquisa se fundamentou na etnografia urbana, empregando observação participante, registros fotográficos e desenhos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os cuidadores desses espaços, com ênfase nas narrativas de mulheres, reconhecendo seu papel histórico como guardiãs primordiais desses saberes e práticas de cuidado. Os resultados revelam que os quintais operam como pontos de "reencaixe", onde práticas ancestrais são ativamente reincorporadas e ressignificadas na vida moderna. Nesses locais, o saber-fazer, transmitido intergeracionalmente pela oralidade e pelo gesto, aliado a circulação de mudas e conhecimentos fortalece redes comunitárias baseadas em uma economia da dádiva, que subverte e resiste à lógica de mercantilização capitalista predominante na cidade. Conclui-se que os quintais medicinais são manifestações de uma resistência ativa, vitais para a soberania da saúde e a afirmação da identidade cultural no Cerrado urbano. Ao preservar espécies e saberes, seus mantenedores praticam um ato de resiliência socioecológica que desafia a dicotomia entre cultura e natureza. A manutenção desses espaços é, portanto, uma resposta política e epistemológica necessária diante da crise climática.

Palavras-chave: Saberes tradicionais com plantas. Resistência cultural. Etnografia urbana.